

VOZ DA VERDADE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

Publica-se uma vez por semana (quinta-feira), na typographia de José Joaquim Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se recebem assignaturas por um anno a 6\$000 reis, pagamento no acto de assignar; quem receber a folha por via do correio pagará mais 500 reis.

Anno I

Desterro—Quinta-feira 17 de Fevereiro de 1870.

N. 48

TRANSCRIPÇÃO.

Rio, 12 de fevereiro de 1870.

O ministerio, o general e o Sr. Octaviano.

Na *Reforma* de hontem o Sr. Octaviano censura ao nobre Sr. ministro da guerra a publicação de uma ordem, publicação feita no expediente da guerra e no *Diario Official*, expedida em 15 de dezembro do anno proximo passado ao Sr. Conde d'Eu e na qual se recommendava á S. A. a execução das instrucções de 18 de novembro que fazião recolher ao Brasil as forças desnecessarias para a continuação da perseguição dos restos desmoralizados do exercito de Lopez.

Pergunta o illustre Sr. Octaviano: de quem é a culpa de não terem ainda regressado as forças expedicionarias?

Será do governo?

Será do principe?

Será de um poder mais forte a cujo aceno obedecem ambos, o principe e o governo?

No artigo de S. Ex., a que respondemos, ha mais espirito que sagacidade politica, mais elegancia que razão. O espirito de S. Ex. não é atheniense, mas alexandrino. E' brilhante mas não é superior. Sem aprofundar e sem instruir, apaixonado e seduz. S. Ex. não é somente um jornalista amavel, mas politico fino como um coral.

Não tem razão de ser as censuras do illustre senador.

A publicação da ordem do honrado e illustre Sr. ministro da guerra expedida á S. A. o Sr. Co de d'Eu em 15 de dezembro, não foi inconveniente e nem encoraja pensamento reservado. O governo, como o regimen da publicidade, tem os seus interesses e são dos mais legitimos.

O nobre e honrado Sr. ministro da guerra quiz ainda provar a sua solicitude já reconhecida á causa publica, em muitas e difficeis occasiões.

Todos os dias a *Reforma* e outros jornaes liberaes aggreião virulentamente ao Sr. ministro da guerra, pelo addiamento prolongado da volta das forças desnecessarias no Paraguay. Escreveu se até que o honrado Sr. barão de Muritiba não consentiria que os nossos bravos soldados passassem pela praça do Commercio, na rua Direita! Qual foi a baa-

lidade, o lugar commum, o labéo, que os liberaes não assacassem ao Sr. ministro da guerra?

A inferioridade da opposição, o nobre ministro respondeu com a superioridade silenciosa de seu desprezo. Desprezar tão gosseiras dicacidades é mais que punil-as, é reduzi-las á cousa nenhuma. S. Ex. procedeu muito bem.

O redac. or geral da *Reforma* diz que, a publicação da ordem de 15 de dezembro é um sarcasmo lançado á Sua Alteza.

Porque? em que? Nada de reticencias, Sr. Octaviano: cartas na meza e jogo franco. Proposições de tal gravidade, não devem passar sem provas. A palavra de S. Ex. deve ser a verdade reconhecida pelo paiz.

Nesta guerra que sustentamos contra Lopez, raros forão os homens que não errarão. A maioria do paiz errou crassamente. Emlim, todos errarão. Rarissimos forão aquelles que, com uma vontade vigorosa e fecundidade de planos, que com elevação de vistas e experiencia das cousas, que com perseverança nas resoluções e o genio dos negocios dirigirão as nossas questões no Prata, no Paraná e no Paraguay. A nossa ignorancia foi a causa de todos os nossos males.

Esperemos pelos factos. A impaciencia é peior que a loucura; ella tudo conjectura, tudo ousa, e tudo quer sem nada poder.

Nem o nobre ministro da guerra, nem S. A. o Sr. Conde d'Eu são os culpados por não viltarem ainda as forças de necessarias do Paraguay. Para o illustre principe commandante em chefe, não está instituido um conselho de guerra perante a nação. O Sr. Octaviano labôra n'um erro palmar e n'uma profunda ingratição.

Com S. A., com o illustre e honr. do Sr. ministro da guerra estão todos os bons brasileiros. O governo é a nação. Ninguém poderá negar a lealdade do nobre ministro da guerra e os serviços de S. A. nesta companhia.

Se os nossos bravos soldados ainda não regressarão do Paraguay, circunstancias mais exigentes que as vontades humanas talvez os retenhão.

O Sr. Octaviano que foi nosso plenipotenciario no Rio da Prata sabe que resolve-se uma cousa aqui na corte e faz-se outra no Paraguay. Não era isto o que acontecia no dominio de S. Ex.?

As necessidades publicas tão variave-

is como os minutos e superiores ás resoluções pôdem mais que os homens.

Mas, Sr. Octaviano, qual é o poder mais forte que o principe e o governo, e a cujo aceno ambos obedecem?

O Sr. Octaviano que não sabe guardar a moderação no successo nem a paciencia nos revezes, deve ser mais escrupuloso sem ser tão exagerado.

Quereríeis dizer que ha um governo pessoal e absoluto?

Nós vos provocamos para esta discussão.

O excesso de zelo affectado que a *Reforma* mostra aos bravos voluntarios da patria, é anti nacional. Os bravos que regressarem do Paraguay não vem jogar lanças contra a constituição e a ordem publica, como quebrarão contra Lopez e seus siccarios.

A *Reforma* representa um papel que não causa magoa, mas tedio: os heróes do Paraguay não serão os instrumentos do liberalismo para promoverem as discórdias interiores e a revolução.

Depois da guerra a agricultura, depois da espada o arado, depois das victorias do Paraguay os triumphos da industria, depois dos grandes soldados os grandes administradores, e os grandes economistas. Depois de Vauban, Parmentier; depois de Julio Cesar, Columella; depois de Elisabeth Tudor, Adão Smith, o illustre auctor da *Riqueza das Nações*!

Isto é que é honrar e trabalhar pelo paiz, Sr. Octaviano!

M. G. DA S. ROSSI.

(Do Dezeseis de Julho.)

VOZ DA VERDADE.

Honra e Gloria

AOS

HEROES DEFENSORES DA PATRIA!

Acabão de chegar ao Desterro, de volta dessa luta sangrenta com o ex-dictador do Paraguay, sustentada por mais de 5 annos, sempre com vantagem para o Imperio, os corpos de voluntarios 17, 40 e 53, formando uma brigada de 1,345 praças de pret e 107 officinaes, sob o commando do brioso e denodado coronel Francisco Vieira de Faria Rocha.

Estes valentes, que por actos repetidos

de bravura, por decidida abnegação souberão elevar o pendão auri-verde, symbolo de uma nação livre e independente, no territorio paraguay, voltando á patria cobertos dos leuros das victorias, derão aos catharinenses o prazer inexplicavel de vel-os transitar, como outr'ora em sua marcha gloriosa para a guerra, pelas ruas desta capital, como que em despedida deste povo irmão, que cheio de enthusiasmo os saudou e glorificou, proclamando com o mais vivo e profundo enthusiasmo:

Vivão os Defensores da Patria!

Viva a Nação Brasileira!

Todos os tres corpos, vindos do Paraguay, nos transportes a vapor *Galgo*, *S. José* e *Vassimon*, desembarcaram e estão acantonados na Praia de Fóra.

A *Regeneração* ultima deo conta deste facto e concluiu dizendo:

«..... Numerosos foguetes saularam a chegada ao porto desses valentes filhos que tanto sacrificaram á patria.» (!!!)

Concerto e solréc.

Domingo, 20 do corrente, impreterivelmente, terá lugar o concerto e solréc dado pelo pianista Juvenal de Sampaio.

E' de esperar que o publico desta capital, tão falto de distrações, concorra ao mesmo concerto.

Lê-se no *Diario Official* o seguinte:

Rio de Janeiro, 6 de Fevereiro de 1870.

A ESQUADRA BRASILEIRA NO PARAGUAY.

A *Republica*, jornal de Buenos-Ayres, infenso ao Brasil, e orgão dos que sempre sustentarão a causa de Lopez, publicou uma vehemente censura á inutil ostentação de força maritima do Imperio no Rio Paraná; e a *Reforma* transcreveu hontem este artigo, corroborando-o com a sua approvação.

O mappa remettido pelo Sr. commandante da esquadra em o mez ultimo, e que fica inserto em outro lugar desta folha, mostra que nenhum navio de guerra brasileiro estacionava abaixo das Tres Bocas, e que, portanto, nenhum existia policiando o Rio Paraná. Fica assim provado que a accusação não tem o menor fundamento.

Quanto á redução de nossa força naval do Paraguay, todos os dias vemos que é um facto real. Já temos neste porto os encouraçados *Brasil*, *Lima Barros*, *Silvado*, *Mariz e Barros*, *Hereul e Cabral*, isto é, os seis mais importantes, e achão-se ou em viagem ou preparando-se para descer, na conformidade das ordens expedidas, o *Bahia*, *Barroso* e *Colombo*.

Igualmente já foram retirados das aguas do Paraguay alguns navios de madeira, como sejam as bombardeiras *Pedro Afonso*, *Forte de Coimbra*, e vapores *Magé* e *Ypiranga*. O *Deberibe* tambem já se acha em viagem.

São effectivamente dez vasos de mepos na esquadra, dos mais fortes della, e cer-

ca de duas mil praças de guarnição retiradas do theatro da guerra.

COLLABORAÇÃO.

Crê-se geralmente no Brasil que para o bem-estar publico deste paiz, tanto importa que elle seja dirigido por este, como por aquelle partido politico, por esta, como por aquella facção, visto como cada um de seus membros, ou o todo delles, no poder, não trata senão de si e dos seus, sem se importar com os interesses geraes.

Vejamos se ha, ou não, differença.

Deixemos em paz remotas épocas, e vamos apontar factos recentes.

Em quanto dominou a politica *ligeira*, *progressista* ou *liberal*, vio-se a guerra em pé, e marchando para ella avultado numero de infelizes compatriotas, que lá foram sacrificar-se pela Patria e por aquelles que a comprometterão, porém que lá não foram.

Durante o domínio adversario, essa guerra, cruelmente levantada, não para desafrontar a honra nacional, como então se pregava ao povo, não para resolver questões de limites, navegações de rios, &c. mas para sustentação de um punhado de especuladores; a guerra, dizemos, achou os maiores obstaculos ao seu termo.

Subio o partido conservador ao poder, e logo a Esquadra, dirigida por pessoa de nossa grei, realiso a empreza, que as nações mais civilisadas reputavão impossivel; e logo o exercito alliado, com o inepto Duque de Caxias á frente, sitiou e venceu Humaitá; e, em fim, a celeridade das operações até Assumpção; até onde Lopez deixou de apresentar-nos resistencia; até concluir-se a guerra, não obstante Lopez estar ainda no Paraguay.

— Que vigoroso e brilhante motivo não acharia nesta ultima circumstancia, a facção *liberal-progressista*, se estivesse no poder, para continuar a guerra?...

«Lopez ainda está no Paraguay, e a guerra já se acabou?!...» perguntará a opposição espantada ao vêr voltarem os contingentes.

E nós lhes responderemos com gosto:

«E' que o Brasil está sendo governado por gente sensata, ou, ao menos, mais sensata do que vós outros.

A que proposito viria continuar na perseguição do tyranno, que, completamente desmoralisado, vai, pouco a pouco, retirando-se com um punhado de homens?

Basta que allí fique sufficiente guarnição, para os casos de defeza e perseguição necessarias.

Quanto não é melhor e mais razoavel que, em lugar de uma excursão perigosa e desnecessaria, o resto da gente volte ao seio de sua patria e de suas familias?

Vêde regressar cheios de satisfação e de gloria-os que são dignos della, já pela

obediencia, com que seguirão, já pela coragem e resignação com que se heuverão.

Vêde e admirai esses bravos Defensores da Patria.

Reconhecei em seu feliz regresso um dos benéficos resultados da politica conservadora.

E confessai que, longe de abraçar a guerra, a ociosidade e a desordem, como vós outros da opposição, o partido conservador quer a paz, trabalho e ordem.

NOTICIAS EXTRAHIDAS.

Terremoto.— Segundo as ultimas noticias de Smyrna, a cidade de Oulla, no districto de Menteché, foi qual Herculano ou Pompéa completamente submergida após tremores de terra tres vezes repetidos.

Escaparão felizmente á morte os habitantes, que, aterrorisados pelos horribes rancos que foram ouvidos antes do primeiro tremor, refugiaram-se nas collinas visinhas.

Um padre franco.— Uma senhora perguntava ha dias a um padre, na Saúde.

Reverendo, que sentem os padres quando uma moça bonita lhes confessa um peccado, sabe.... não?

Nós absolvemos a alma e admiramos o corpo, respondeu o padre.

O imperador Pedro II.— Passando ha dias pelo Atterado o imperador, viu duas mulheres a brigarem. S. Magestade parou e lhes disse: Porque brigão assim? Ah! meu Senhor, disse um para o imperador: Aquella mulher me roubou uma gallinha que comprei para meu marido que está doente; não tenho dinheiro para comprar outra, e quero que ella me pague.

O imperador deu-lhe 200, e mandou para casa tratar de seu marido.

O morto que falla.— Certo medico de um hospital da corte, indo fazer a visita do costume aos doentes, olhou para a cama de um que estava todo coberto com o lençol, sem lhe vêr a cabeça, e voltando-se para o enfermeiro, lhe disse apontando para o doente: aquelle pôde mandal-o enterrar, que já está morto: á estas palavras respondeu o doente deitando a cabeça fóra do lençol: «Não estou morto, estou vivo.» Esta resposta ouviu a o enfermeiro, que ficava atraz do medico, e gritando ao supposto defunto, lhe disse: «Cale-se! sempre é muito ignorante, pois você quer saber mais do que o senhor doutor?»

Briga de gallos.— Existem dois individuos na rua de S. Pedro entre as do Regente e da Imperatriz que desafiarão-se para um duello!

Não sabemos positivamente o nome delles ao certo, mas um tem negocio de secos e molhados e sahio ha dias do hospi-

tal de S. Francisco, onde esteve tratando-se: o outro foi enfermeiro do hospital de S. Memede (em Portugal)

Travarão-se de razões na citada rua de S. Pedro por causa de dous gallos brigadores.

Desapartados pelos visinhos, entrarão em ajustes de apostas: — O primeiro, apostava 270 mil réis em como o seu gallo dava sova no outro: — o segundo 253 mil réis em como não!...

Decidida a aposta levárão os gallos para o morro de Santa Thereza. Principiou a briga no domingo ás 10 horas da manhã e tanto lutarão que por fim cahirão extenuados de cansaço. Vendo então que não tiravão proveito algum da aposta, os dous amigos principiárão, com direi eu, e dirás tu; e o resultado foi armarem-se de cacetes e principiarem ás bordoadas reciprocamente!

Os moradores de Santa Thereza tentárão acudir e apasiguarão a contenda, e os homens forão para á rua de S. Pedro, abraçarão-se e beberão cerveja em uma taverna até cahirem!

Ahi está no que deu a briga de 2 gallos em pancadaria velha e bebedeiras.

Applico-lhes el cuento.

PUBLICAÇÕES PEDIDAS.

Dialogo entre D. Luiz e Mr. Eugenio.

D. Luiz: — Bons olhos o vejão, amigo! Ha cerca de 15 dias que não tenho tido a dita de vêr-te.

Mr. Eugenio: — Adeos, companheiro amado!... como vais de saude e fortuna?

— De saude, graças á Deus, não tenho razão para queixar-me, mas de fortuna!... quem a perdeu para eu achar?!

— Consola-te commigo, que ando sempre distante della á perder de vista...

— Então fiquemos todos consolados, e contentemo-nos em gozar de saude e paz. Já sei que trazes a sacola cheia de novidades: quinze dias de colheita é bastante tempo. Vamos lá; desata a sacola e vai pondo patente quanto nella contem...

— E tu trazes a tua, por ventura, vazia?...

— Alguma cousa tem; não te dê cuidado que havemos de pôr tudo patente.

— Oh! D. Luiz, sabes que mais; é preciso fallarmos baixinho, porque ha por aqui bisbilhoteiros que escutão as nossas conversas, e levão para certo jornal por antonomazia *Voz da Verdade* e esta dá conta de tudo — tintim por tintim!...

— Não faças caso de taes abelhudos; deixa que oução e transmitão a quem quizerem. Uma vez que não tratamos da vida privada de ninguém, tranquillise-mo-nos.

— Não gosto de compromettimentos, D. Luiz...

— Quaes compromettimentos, homem! Hoje todos seguem o systema francez;

apertão-se as mãos quando se encontrão frente á frente e voltando as costas, thezouradas á valer reciprocamente.

— Não gosto de semelhante uso: eu cá sou daquelles do pão, pão, queijo, queijo.

— Estás bem arrumado; não de te dar o nome de — esdruxulo...

— Embora.

— Vamos ao que serve. Tens noticia da desordem que continua a reinar entre os Pais da mu... muni... munici...

— Que diabo de nome é esse que tanto custas dizer?!

— Homem, o nome é comprido e eu vejo-me quasi sempre embaraçado para proferir-o...

— Pois bem. Eu já te percebi. Então tem havido briga entre essa gente?

— Briga renhida!... não sei porque milagre, não tem fervido pancadaria!

— Oh! diabo! Pois as cousas tem chegado á esse ponto?! Conta-me isto miudamente.

— O primeiro dos 9 quer mandar só, os 8 não querem obedecer...

— Bem que fazem. Se elles são 9, 8 não devem estar por aquillo que um quer, visto que todos reunidos constituem 1.

— D'ahi é que nasce a desordem. Um quer ser superior á 8!

— E quem paga as favas?

— O interesse publico é que soffre. A desmoralisação lavra, e desde que ella se apodera de um corpo social ou politico, meu amigo, vai tudo em decadencia...

— Que glorias para os contrarios!...

— Dizes bem. Devem estar muito satisfeitos, por presenciarem hoje factos de que não ha exemplo na historia do nosso paiz!... Quando me recordo que a desordem foi plantada por um e alimentada por todos, entristeço, tenho vergonha, e por isso peço-te que não fallemos mais nisso.

— Concordo; sou da mesma opinião.

— D. Luiz. — Já passeiaste pela rua do Matto-Grosso?

— Já; porque perguntas?

— Para saber de ti se achas bom aquelle caminho.

— Em bom tempo não é só bom, é optimo, mas em tempos chuvosos é o peor que se pode achar; é um continuado barreiro que obriga os transeuntes a cobrir de maldições o auctor de tão nociva obra.

— Não digas isto. O caminho está magnifico. Tem-se consumido alli muitos mezes de trabalho...

— Antes não se consumissem; é hoje o peor caminho a parte que se entulhou com barro, sem o cobrir com arêa grossa. D'aqui á pouco tempo as chuvas torrencias carregão com o barro, e ahi fica no estado primitivo como acontece á rua da Trindade, o beco do Espirito Santo e outras que taes.

— Já sei que és homem de máo gosto. Aposto se fosses tu que administrasses aquella obra, havias de exaltá-la?

— Não, porque jamais me cansaria com trabalhos taes, trabalhos que a experiencia de longo tempo tem-nos con-

vencido que são de nenhuma duração. Em vez de consumir mezes em desmontar terra d'aqui para pôr alli á mercê das aguas fluviaes, gastaria esse tempo, com mais proveito, em fazer desmatar algumas ruas; de modo que não se assemelhassem ás de certas freguezias, que não tem os recursos de uma capital, e nem recebem auxilios dos cofres da provincia...

— Dessa forma censuras o nosso Fscal.

— Se a carapuça lhe couber, encaixe-a e se não deixe-a.

(Continúa.)

MUITA ATENÇÃO!

MOFINA.

Precisa-se com urgencia para o cargo de 1.º supplente de Juiz municipal de um Major que não se negue a julgar legitimo um testamento falso nuncupativo, extorquindo a orphãos e viúvas suas respectivas legitimas!...

Quem estiver nestas condições, dirija sua proposta em carta fechada á rua da Tronqueira, sob as iniciais — A. M.

A alma do Amaro.

(Repita 60 vezes.)

POESIA.

Retrato.

De máo instincto e conducta,
Sentimentos baixos, vis,
Certo quidam foi criado
Entre caixas mercantis.

Frio contacto dos typos,
Que juntando conspurcava,
Esfriou-lhe a consciencia
Que de resto conservava.

Metteu-se pelas orgias,
Pelos hotéis se metteu;
Jogou seu dever na rua,
E não corou, nem tremeu.

Dentro da casa paterna
Não se envergonhou de entrar
Muita vez (quem sabe?) tonto
De tanto libertinar.

Na de seu pouco trabalho
Fez abjecta união
Com outros, a quem levava
Tudo o que pillava á mão.

Foi assim que o nosso joven
Entre os seus se distinguio,
Deshourando ao mesmo tempo,
A terra, que o produzio.

Depois julgou-se poeta,
Com a maior presumpção,
Pois nem estro, engenho ou arte
Possue o tal toleirão,

Reunio lyrios e rosas
Abundantes no paiz,
Quebrou versos como bur...,
E passar por douto quiz.

Teve, é certo, um elegio
De pessoa mui sensata,
Que fez do nosso poeta
Insoffrivel patarata.

Desde então, ninguém mais ponde
O poetastro soffrer:
Tornou-se louco varrido,
Quasi ao Hospicio foi ter.

Agora, em honra daquelle,
Que até casaca e chapéo,
P'ra votar em seus contrarios,
N'outra idade recebeu,

O nosso joven portento
Quer tambem moralisar,
E juntando-se aos marotos,
Põe-se typos a rimar.—

Tem cabeça de motim,
Torta para esta banda,
Com ORELHAS, que o segurão
Na jingação, em que anda.

Tem o corpo derreado,
Como qualquer trastalhão;
Pés de leque, alma d'esterco,
E unhas de gavião.

Seguiu tambem para a guerra,
Mas a guerra não o quiz,
Ou elle temeu que a polvora
Lhe chamuscasse o nariz.

Voltou, talvez por julgar-se
Nova e rara maravilha:
Tem por norte o desaforo,
Por alcunha—Quintanilha.

...

VARIEDADE.

S. Nicoláo.

POR C. DE AMEREUIL.

Se a feliz Santa Catharina é a protectora das moças, S. Nicoláo igualmente gosa do privilegio de presidir aos destinos dos rapazes.

A vida deste santo é talvez menos conhecida do que a da Santa; sabe-se apenas que fôra bispo de Myre na Lycia, no IV seculo, e que morreu no anno 312 depois de ter estado durante longos annos exposto ás perseguições de Diocleciano e de Licinio.

Como á pouco dissemos, S. Nicoláo é o padroeiro dos rapazes e todos esses cherubins louros e rosados o festejão com maior animação em certos paizes da Europa, na Russia, por exemplo, no norte e oeste da França, em que esse dia é consagrado aos presentes e festas.

Na Bretanha, no dia de S. Nicoláo accendem-se geralmente grandes fogueiras como no dia de S. João e os meninos em bandos vão primeiramente ao cura que lhes dá uma merenda de leite, ovos e bolós, e em seguida ás casas dos ricos, em que os pequenos presentes em prata e naturaes não são poupados; depois, ás fazendas onde os bravos camponezes lhes offerecem mingão de trigo escuro, batatas e castanhas de que se compõe a cea de familia.

Nesse dia os ricos fazendeiros matão o porco mais gordo; e chouriças, linguças e pedaços de toucinho estão sobre as uchias, e ao lado, appetitosos bolos e vasos cheios até a beira de uma cidra espumosa.

Assenta-se á meza no cahir da noite e d'ahi não se sahe, senão no outro dia de manhã.

Vi em certas aldeas accender-se um grande fogo diante da porta que dá sobre a area e aspergirem-na com agua benta, afim de obrigarem os feitiçeiros a sahirem da casa e cahirem no fogo. O meio tem bom exito? E' o que a historia não nos diz.

Quem não conhece a simples legenda de S. Nicoláo?

Eil-a aqui tal qual contão quasi por toda a parte e ainda qual a representão as bellas imagens de Limoges, tão curiosamente illuminadas.

Em uma pequena aldêa perdida no bosque da Bretesche e que se chama Cadin, vivia uma pobre familia que se compunha de pai, mãe e oito filhos.

O pai era lenhador e trabalhava no bosque acima; mas muitas vezes interrompia o seu trabalho ou por folga ou por molestia e em casa faltava o pão.

Um dia o mais velho dos rapazes, tinha então nove annos,—disse á mãe:

Joanico, Ivo e eu vamos deixar-vos para procurarmos trabalho na aldêa, e tereis tres bocas de menos a que dar de comer.

A mãe á principio oppozera-se.

— Sois muito pequenos, lhes disse ella, cerrando-os contra o seu coração.

Somos pequenos, minha mãe, mas somos corajosos, e Deus, nosso pai, velará por nós.

O pai e a mãe consentirão a final que elles partissem e os tres rapazes deixarão o lar paterno, depois de muito terem abraçado cada um da familia.

Seguião cantando o cantico de S. Nicoláo e pegando-se pelas mãos atravessavam o bosque de Candin quando encontrão-se com um carnicheiro que voltava para a cidade.

(Continúa.)

Edital.

A camara municipal desta capital faz saber a todos os seus muniçipes que em sessão extraordinaria de hoje approvou a proposta seguinte: Propomos que esta camara authorise a se festejar a chegada dos Bravos Voluntarios da Patria, mandando cantar um *Te-Deum*, convidando as authoridades para assistir, illuminando o edificio de ta camara por 3 dias e expedindo edital, convidando seus muniçipes a concorrerem a este acto e illuminarem a frente de suas casas nos ditos 3 dias &.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou lavrar o presente para ser publicada e afixada nos lugares mais publicos.

Secretaria da camara municipal da cidade do Besterro, 16 de Fevereiro de 1870.

O presidente

Manoel José d'Oliveira.

O secretario

Domingos G. da Silva Peixoto.

ANNUNCIO.



B. Mathilde Carolina do Amaral Varella, suas filhas, mãe e irmã, Manoel Bernardino Augusto Varella, sua mulher, irmãs e cunhados cordialmente agradecem á todas as pessoas que acompanhão ao ultimo jazigo o cadaver de seu muito presado marido, pai, genro, cunhado e tio, o coronel Francisco de Almeida Varella, bem como aos que se prestarão ao seu tratamento e nos arranjos do enterro, com especialidade os Illms. Srs. Francisco Leitão de Almeida, majores Camillo José de Souza e Franc de Paulicôa Marques de Carvalhos, Affonso Henrique de Magalhães Fontoura, Alexandre José Custodio e Luiz Carlos de Saldanha e Souza, aos quaes, e á todos os parentes, amigos e camaradas do fallecido, convidão para assistir á missa, que por sua alma se celebrará na igreja matriz, na sexta-feira 18 do corrente pelas 7 1/2 horas da manhã.